



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUIZA LOY BERTOLI PEREIRA (3)

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-571

Entrevistada: Luiza Loy Bertoli Pereira

Nascimento: 15/02/1995

Local da entrevista: ESEF-UFRGS Porto Alegre

Entrevistadora: Claudia Yaneth Martínez Mina

Data da entrevista: 12/06/2015

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Copidesque: Claudia Yaneth Martínez Mina

Pesquisa: Claudia Yaneth Martínez Mina e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 37 minutos e 21 segundos.

Páginas Digitadas: 13 páginas.

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no futsal; Prática esportiva no ensino fundamental, Competições no ensino médio; Jogos Escolares do Rio Grande do Sul; Prefeitura Municipal de Porto Alegre; Futsal Universitário; Apoio da família; Motivação; Significados relacionados com a prática esportiva do futsal; Aprendizados; Inserção na equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Apoio institucional; Jogos Universitários Gaúchos.

Porto Alegre, 12 de junho de 2015. Entrevista com Luiza Loy Bertoli Pereira a cargo da pesquisadora Claudia Yaneth Martínez Mina para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M – Luiza, dando continuidade as outras duas entrevistas que fizemos, hoje eu gostaria de centrar o tema sobre sua história de vida dentro do futsal. Como você conheceu o futsal?

L.B – Eu conheci o futsal em 2005, na minha escola de ensino fundamental. Eu estudava em escola particular e tinha a escolinha depois da aula. Tinha o futsal feminino, ali eu fazia ginástica e eu encontrei o futsal e resolvi largar a ginástica e fazer futsal. Eu não entrei em 2005, eu entrei em 2006 para o time, mas era uma escolinha de futsal onde era misturado, tanto meninos como meninas jogavam juntos. Como eram poucas meninas eles colocaram tudo no mesmo grupo, a partir dali eu conheci e comecei a gostar e dali em diante só com bola, só esporte com bola.

C.M. – E esses treinos meninos com meninas como eram?

L.B. – Na verdade eu tinha dez para onze anos e quando eu entrei é naquela fase que tanto menina quanto menino está muito parecido em força, velocidade. Então, era um treino, uma brincadeira, um passa tempo para a gente jogar em grupo, não tinha problema nenhum, não era separado, era todo mundo junto, misturado, mesmas filas, menina podia fazer dupla com menino sem distinção, desde o início. Começou a separar um pouco quando começou a entrar muitas meninas, começaram a dividir meninas para um lado e meninos para o outro. Eu acho que a partir daí começou a ter treinos diferentes, por que as meninas acabavam fazendo em turno separado dos meninos.

C.M. – Quem treinava vocês?

L.B. – Era um professor de Educação Física da escola, mas ele não era meu professor, ele era professor da escola, eu não sabia exatamente em qual turma ele dava aula.

C.M. – Vocês dentro desse time chegaram a participar de competições?

L.B. – Como nós éramos muito pequenos, os únicos times que participavam eram atletas mais velhos que nós. Eu por exemplo tinha sete, oito anos... Quem participava no lugar da gente, pelo nome da escola era o pessoal que tinha doze, treze anos, mas não treinavam conosco. A escolinha era muito mais para desenvolvimento.

C.M. – Você acha que nessa escola era incentivado a prática de futsal?

L.B. – Quando eu entrei eles incentivaram que meninas entrassem para ter mais uma experiência, por que eles colocavam na escola que não existe uma prática por sexo, gênero. Então, o professor me levou a conhecer essa prática e eu quando assisti em apaixonei e ele motivou a entrar e jogar. Meu pai nunca me desmotivou a fazer nenhum tipo de prática, então, ajudou a entrar. Quando eu entrei no outro ano, que aí eu comecei a chamar mais meninas e o professor falou: “Traz quem tu quiser, desde que seja da escola”. Mas aí podia levar menina, menino de qualquer idade, que dependendo eles adaptavam ali para jogar todos juntos. Eu achei legal, acho que isso fez eu gostar mais ainda de fazer essa prática, por ser uma experiência que abrangeu todo o público.

C.M. – Que significava para você nessa época jogar futsal?

L.B. – Diversão. Eu não tinha focado no que eu queria fazer, eu enxergava que todo mundo corria atrás da bola e não enxergava ninguém triste jogando, eu estava ali por diversão. A emoção de estar em uma prática com todo mundo e que aquilo deixa a minha autoestima mais alta.

C.M. – Para você quais foram as melhores experiências dentro do futsal na escola?

L.B. – Dentro da escola eu tinha a matéria de Educação Física e ali eu vivenciei muitas práticas, até futsal em outras situações. Só que a prática de futsal, uma vivência boa que eu tive foi quando desde o início ter colocado eu jogar com meninos, eu me senti capaz. Claro, até por serem meninos, por serem pequenos não tinha aquilo de futebol ser de menino, mas a gente ouvia dos pais que o futebol que o futebol é para meninos, eu me sentia grande por jogar com meninos. Para mim era uma coisa muito bem aproveitada.

C.M. – No ensino médio você continuou a jogar futsal?

L.B. – No ensino médio eu estava naquela época de pegar professor de Educação Física que estava no “largobol”¹, então, dificilmente eu jogava e quando eu jogava era só com os meninos por que os professores do ensino médio deixam muito livre, tu faz a prática que tu quer e era separado, no meu ensino médio era meninas para um lado e meninos para outro. Eram práticas diferentes.

C.M. – Essa separação, por que acontecia?

L.B. – As professoras davam aula para as meninas, o professor dava aula para os meninos. As professoras achavam que os meninos iriam se aproveitar das aulas de Educação Física para abusar das meninas, para zoar as meninas. As mulheres tinham um pensamento ruim relacionado à Educação Física, coisa que o professor não tinha e eu achava muito mais interessante a prática do professor.

C.M. – Por que você achava que elas tinham um pensamento ruim?

L.B. – Provavelmente a experiência delas como professoras deve ter sido algo ruim, eu não tenho uma noção, nunca cheguei a perguntar. Eu não gostei da minha prática no ensino médio, por que as meninas tinham um tipo de Educação Física que não é normal. Hoje, as meninas tinham que correr em volta do campo, tinham que fazer ginástica, de *jump*, essas coisas que na escola não são assim. Os meninos eram esportes, era jogar bola, jogar basquete, vôlei, todo tipo de esporte, enquanto menina era muito virado para ginástica. Era uma coisa que não agradava às meninas, os guris estavam todos em casa, as meninas não se sentiram agradáveis com essas praticas.

C.M. – Algumas queriam jogar futsal?

L.B. – Queriam jogar futsal, basquete, queriam se misturar aos meninos.

¹ Termo utilizado para exemplificar o professor que não trabalha com seus alunos os fundamentos e conteúdos da Educação Física no período que deveria fazê-lo, o professor que larga a bola para os alunos e os mesmos decidem o que fazer, sem instrução.

C.M. – No ensino médio você começou a jogar campeonatos?

L.B. – Sim, no final do ensino fundamental o meu pai começou a se juntar mais a escola para fazer participação no JERGS², Jogos Estaduais, começou a montar time masculino e time feminino para começar a jogar, e propôs: “Vamos fazer uma coisa fora do horário de escola para não atrapalhar os estudos de vocês”. Daí a gente passou a participar de campeonatos. Só que meu pai não é professor de Educação Física e começou a pedir auxílio dos professores de Educação Física da escola para fazer essa coisa mais lúdica, mais competitiva também fora da escola que o pessoal ia gostar mais. Então, era uma coisa do pai e não do professor e no meu ensino médio, o meu pai tentou buscar isso também. Quando eu entrei no ensino médio já tinham professores que estavam tentando se empenhar nisso só, que era pouco atrativo porque com a educação física dessa forma os professores que estavam tentando fazer isso no JERGS e tudo mais não trazia muito o pessoal. O pessoal já estava desmotivado com o esporte e aí a gente começou a divulgar mais. Eu acabei me motivando mais a divulgar por que eu gosto da prática de futsal, eu comecei a chamar mais meninas, o professor começou a chamar mais meninos e também rolou da gente entrar em competições fora da escola, gostei da parte de chamar mais gente para a prática.

C.M. – Quais outras competições vocês jogaram?

L.B. – A gente jogou uns torneios internos que a gente montava entre escolas por que eu estudei no Parobé³.

C.M. – É pública ou particular?

L.B. – Pública, a gente se juntava com o Julinho⁴ que é pública também, o Paula Soares⁵ e o Ernesto Dorneles⁶, essas quatro escolas se juntavam e montavam uns torneios em Porto Alegre com outras escolas que estavam a fim de participar de outros campeonatos fora. Foi

² Jogos Escolares do Rio Grande do Sul.

³ Escola Técnica Estadual Parobé.

⁴ Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

⁵ Colégio Estadual Paula Soares.

⁶ Escola Técnica Estadual Senador Ernesto Dorneles.

uma coisa que rolou bem tranquilo, foram torneios pequenos, mas para a gente era como se gente estivesse crescendo, a gente não tinha noção de como eram competições.

C.M. – Como você pode descrever essa experiência de jogar no ensino médio?

L.B. – Foi muito boa e carreguei aquela experiência do ensino médio não dos professores, mas pelas meninas que jogaram comigo, carreguei até depois que sai do ensino médio. Entrei na faculdade, ainda me reúno com as meninas, ainda falo com elas sobre jogar e a gente se motiva porque é uma coisa que virou *hobby* nosso, juntar aquelas meninas daquela época para jogar um jogo, uma peladinha assim num sábado. Foi uma experiência ótima que eu carreguei até o dia de hoje.

C.M. – Como você conheceu o time da UFRGS⁷?

L.B. – Eu entrei na UFRGS em 2012 e no final de 2012 eu já estava sabendo sobre o futsal, mas eu fiquei sabendo através da minha colega, a Vanessa⁸, que o pessoal começou a chamar ela para jogar, que já jogava há mais tempo, e ela me chamou junto e eu disse: “Não! Eu vou focar nos estudos, não vou me jogar em uma prática que vi me desconcentrar da faculdade”. Eu fiquei meio assim e não entrei muito no futsal de cara. Só que no final de 2013 resolvi fazer a prática, vou ver como é, como faço para entrar... Conversei com o treinador, ele disse tem uma peneira dia tal vem e faz. Eu fiz a peneira e entrei, fiz a peneira no final de 2013 e no início de 2014 comecei a treinar e estou até hoje.

C.M. – O que motivou você a fazer parte da seleção de futsal da UFRGS?

L.B. – Eu queria uma prática que eu gostasse, quando a gente entra na faculdade a gente tem uma cadeira que vivencia as práticas, e eu sabendo que tinha como fazer prática fora do horário de aula, me motivei. Só que tem um evento na faculdade que se chama Interbarras⁹ na qual as barras se juntam para jogar umas contra as outras, aquilo foi um estalo para eu melhorar as minhas técnicas e fazer uma coisa que eu sou apaixonada. Aí, eu

⁷ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁸ Vanessa Prestes Polese.

⁹ Competição esportiva que acontece entre estudantes da Escola de Educação Física.

pensei vamos tentar, quando eu entrei que eu passei na peneira, decidi que era isso que eu ia fazer mesmo. Normalmente a gente entra e fica meio reprimido por enxergar que todo mundo se dá bem e a gente é uma peça nova no jogo, mas logo que eu comecei a me soltar, as gurias começaram a me aceitar mais, começou a ficar uma coisa gostosa de se praticar. A partir dali eu comecei a ter só motivação e continuar treinando e juntando a motivação das gurias com a minha paixão que tenho por jogar, fechou total e fiquei até hoje. Porque eu comecei a criar objetivos, meu objetivo é ser reserva, meu objetivo é ser titular, agora é ganhar algo pela UFGRS, é ter o nome no meio do time, começar a deixar a minha marca dentro da UFGRS, dessa forma que eu comecei a pensar hoje.

C.M. – Como tem sido essa experiência dentro do time?

L.B. – Eu diria que é uma luta a cada treino porque nem sempre tu vai estar lidando com pessoas que tu gosta e nem sempre tu vai estar com pessoas que te aceitam de uma forma simples. Nem sempre a pessoa: “Bah! Não te aceito, mas vou ser educada.”. Não! A pessoa consegue ser sabe... Então, tu tem que saber lidar contigo, tu tem que saber te controlar perante as outras pessoas, as diferenças e tudo mais e para mim tem sido... Eu tenho um objetivo mas eu não posso esquecer que tem vários outros obstáculos além da dificuldade, tem os obstáculos que as pessoas podem influenciar na minha dificuldade, já está difícil chegar a ser titular do time da UFGRS. E ao mesmo tempo tem pessoas que não me ajudam a ir para cima, tem umas que me ajudam e tem outras que não. Eu tenho que começar a ter controle de mim mesma e treinar em um grupo grande como é o time da UFGRS; é uma coisa que te ajuda de várias formas, tu pensa em ti mesma, tu pensa nos outros, tu pensa no grupo geral e tu pensa em ti fazendo parte do grupo geral. É uma primeira vivência para mim, mesmo já tendo participado de outros grupos, de outras escolinhas e tudo. É uma primeira vivência, mas eu estou adorando por que eu estou lidando com pessoas adultas e que sabem lidar de outras formas as coisas e me mostram como lidar de outras formas as coisas. No futsal aqui tu não aprende a só jogar bola, tu aprende diversas outras coisas junto e isso só te faz crescer como pessoa, eu enxergo dessa forma.

C.M. – O que significa para você fazer parte desse time?

L.B. – Bah! É... Fico honrada, ter entrado e percebido que é uma família e todo mundo é aceito, independente da forma como joga, mas é aceito, cada um tem o seu diferencial e aquilo é importante para o time e para o grupo. A UFRGS é um time que chama a atenção, todo mundo conhece, todo mundo sabe o quanto é bom, e tu chegar ao nível de UFRGS é uma coisa, parece que treinei tanto tempo para chegar num nível desse é gratificante.

C.M. – Você acha alguma diferença entre a prática de futsal agora na universidade e no ensino médio?

L.B. – Com certeza os treinos aqui são muito mais puxados e teu foco é bem mais centrado. Tem aquele foco, tu tem que seguir e não pode fugir muito. Já no ensino médio tu tinha um foco, mas aquilo junto estava por experiências, aqui na UFRGS a coisa parece que é muito mais profissional do que no ensino médio, eu levo mais a sério aqui do que eu levava antes, mas não significa que antes eu não enxergava que eu levava a sério. Vai, na verdade, de cabeça para cabeça, eu penso que aqui é um foco totalmente centrado um objetivo e tudo tem técnicas, tudo tem uma forma de lidar, uma forma de jogar e é daquela forma ali e tu não pode fugir muito daquilo que se não está quase errado. Já no meu ensino médio eles sabiam muito utilizar o individual de cada um, a diferença. Se tu quer montar outro tipo de jogada: vamos lá! E é mais aberto para o atleta, aqui já é mais fechado, o atleta dá a sua opinião, mas aquilo vai deixar o treinador pensando e quem dá a última palavra é o treinador, já no ensino médio era diferente.

C.M. – Você acha que a universidade apoia o time da UFRGS?

L.B. – Não tanto quanto devia pelo que enxergo hoje mesmo já fazendo parte do grupo há um ano. O time de futsal não tem o apoio que merece, tem muito times aqui na UFRGS e todos eles parece que são... Recebem um apoio tudo da mesma forma, tudo bem, não dá privilégios a um grupo, mas eu acho que todos eles por levarem o nome da UFRGS, e conseguir demonstrar nos jogos que a UFRGS é boa, que faz a diferença e tal. Eu acho que deveria ter um empenho a mais da universidade, porque tu está carregando aquilo e está levando a sério, e justamente a faculdade não vai te dar apoio. Tu faz aquilo ali por ti, mas querendo ou não quando tu chega na quadra, que tu vai dar aquele grito de guerra tu está colocando nas costas tudo isso aqui, todo esse nome, tudo que tu faz, tudo que tu estuda,

tudo junto e as pessoas não enxergam que tu esta carregando isso para ti. Eu acho que deveria ter mais motivação da universidade com os esportes, principalmente a ESEF¹⁰ que um espaço só para os esportes e não tem a motivação para tu treinar, porque é uma briga para conseguir horário de treino, os horários são tarde da noite é uma coisa muito confusa e perdida que a universidade mesmo não sabe organizar, aí o pessoal do time é que tem que se ajeitar do jeito que dá. Por exemplo, a nossa viagem agora para o JUGS¹¹ vai ser a mesma coisa, a gente vai ir um dia antes e a Universidade não vai ajudar em nada, nem viagem nem acomodações, vai ajudar só na segunda noite é uma coisa que não cabe para um time que já chegou em nível de brasileiro, o handebol e o basquete.

C.M. – Como a Universidade apoia?

L.B. – Eu enxergo um apoio deles só financeiro, não enxergo... Por exemplo, não tem exposto no site que a faculdade tem times, não tem espalhado pelos *campi* da faculdade que tem treinos de basquete, tem treinos de futsal, tem treinos de não sei o quê. Deve ter gente de outros cursos em outro campus que jogam bola direito, jogam basquete muito bem, que joga vôlei muito bem e que não sabem que tem as praticas. Até no nosso time, o nosso time de futsal aqui uns sete, oito cursos misturados e uma, duas de cada curso que se conhecem, mas a maioria é da Educação Física. Por que na Educação Física? Porque os treinos estão dentro do campus da Educação Física, mas é uma coisa que poderia espalhar mais, mostrar que existe tanto feminino quanto masculino, que as gurias jogam bem, que já foram para não sei aonde, que já foram mostrar que a UFRGS é isso, é aquilo, é aquilo outro. É uma coisa que falta da Universidade e que a motivação que eles trazem assim para a gente ou financeiro, a gente precisa para um campeonato, a gente precisa para pagar arbitragem aí a Universidade vai lá e paga, mas isso não é motivação, isso é para quem já está jogando porque já sabe daquilo ali. Acho que deveria trazer mais gente para esse lado esportivo, esse lado como *hobby*. Tem gente que treina aqui como *hobby*, não está aqui para competir, mas aquele bem-estar que sente ao jogar, euforia e tudo, já faz a pessoa valer a pena de vir treinar, aí que se torna alguma coisa gratificante, só que... Espalha mais para todo mundo, a Universidade não é só o campus da Educação Física.

¹⁰ Escola de Educação Física.

¹¹ Jogos Universitários Gaúchos.

C.M. – Você pode fazer um resumo dos times nos quais participou?

L.B. – Eu comecei na escolinha do Colégio Cruzeiro do Sul, participei por dois anos. Depois disso o Colégio fechou, aí eu saí da escolinha e fui para o ensino fundamental em outro colégio, eu fui para o estadual. Nesse estadual a gente montou um time da escola mesmo por fora para campeonatos de campo, futsal que eu treinei junto, no final do ensino fundamental, quase terminando o fundamental eu treinei por outra escola junto, que o pessoal me conheceu e outro campeonato e gostou do meu jogo e tentou me pegar para eu treinar só pelo nome de uma escola. Eu treinei em nome daquela escola que era perto da minha casa. Quando eu entrei no ensino médio, nos meus treze, catorze anos eu comecei a treinar pela Prefeitura, tinha uma escola de futsal ali para preparação para jogadoras de futebol de campo e aí eram treinadores conhecidos, só não lembro direito o nome deles, mas eram treinadores conhecidos que iam pegar aquelas meninas, as melhores e iam levar para fazer teste na seleção depois. Eu comecei a treinar ali, joguei pela Prefeitura alguns torneios, depois daquilo ali teve um torneio na Brigada Militar que eu joguei pelo nome de outra escola, aí a gente montou uns treinos fora, só que cheguei a ter uns três treinos assim juntos, um lugar diferente por uma escola diferente, e um pela Prefeitura. Depois disso, no meu ensino médio, teve os treinos do ensino médio, que era escolinha dali mesmo, depois que eu saí do ensino médio vim para a faculdade, eu acabei montando o time de fora, e a gente começou a entrar em torneios montados por amigos, e nunca treinei profissionalmente, nunca joguei profissionalmente. O mais profissional que eu penso é a faculdade, é o time da UFRGS, por que fora disso, nunca enxerguei o futsal como uma meta de ser jogadora profissional. Então, depois que entrei na faculdade sim, eu tenho esse time de fora e o time da UFRGS agora que é o futsal que eu treino.

C.M. – Qual foi a melhor experiência dentro desses times?

L.B. – O que me fez crescer mais e começar a ter uma cabeça mais desenvolvida para o jogo foi na Prefeitura, porque eu enxerguei que nem todo mundo enxerga da mesma forma que a gente, e acabei vendo naquilo que eu sou capaz de ser melhor que outras meninas e é isso que eu vou fazer. A partir dali comecei a mostrar que conseguia jogar bem, comecei a entrar em outros times, comecei a ganhar medalhas por outros times que não era pela prefeitura, e ali na Prefeitura eu comecei a perceber que não seria valorizada ali. Quando

terminou a minha idade, o limite de idade acabou eu saí da Prefeitura, continuei jogando por outros times, entrei na faculdade, saí de todas as escolinhas e comecei a treinar só fora. Entrei na faculdade, meio ano depois, um ano depois comecei a treinar pela UFRGS e é aqui que eu vou mostrar que jogo bem. Foi aqui que eu enxerguei, fiz até um teste para jogar no exterior, passei, não era o meu objetivo jogar no exterior, mas eu precisava daquele que eu passei: “Tu joga bem” era para eu mostrar para mim mesmo e para muita gente que eu sou capaz de passar dos meus próprios limites. A partir dali minha motivação só cresceu e eu acho que dali em diante eu comecei a enxergar que eu também estou crescendo no futebol da UFRGS, e eu espero que não me aconteça como aconteceu na Prefeitura que não enxergaram que eu tinha potencial. Então é uma coisa que na minha cabeça, as pessoas podem me enxergar da mesma forma que eu me enxergo e não só eu me enxergar dessa forma e todo mundo enxergar é o grupo, mas todo mundo tem o seu diferencial no grupo.

C.M. – O que significa para você praticar futsal?

L.B. – Uma motivação, um desestresse emocional! Eu poderia praticar futsal sem precisar ser profissional, sem precisar competir, só pelo prazer que eu sinto em correr, em jogar bola, em fazer gol, em estar com as pessoas que eu gosto, em estar com pessoas que estão dispostas a se divertir e fazer aquilo três vezes por semana só para desestressar, só para perder aquela tensão do dia a dia que tu carrega a semana toda. Então, um momento que tu sente o prazer de fazer aquilo imenso, tem pessoas que sentem jogando outras coisas, mas eu é no futsal.

C.M. – Você acha que tem alguma diferença entre homens e mulheres que jogam futsal?

L.B. – Entre homens e mulheres não, eu percebo entre cada um. Por exemplo, homens se eu vejo o treino masculino aqui na UFRGS o treino masculino é bem diferente do feminino, só que vai pelos objetivos, os dois tem objetivo de ganhar tal campeonato, mas os homens levam esse foco de uma forma e as meninas de outro, é uma coisa que vai de cada um, não do grupo todo. Então, tem guris que levam aquele objetivo de uma forma mais suave, tem outros que levam aquilo como se fosse o objetivo da vida, tem outros que levam como o objetivo do mês é uma coisa momentânea, tem outros que é o ponto máximo

que vai me fazer crescer, explodir. É assim como nas meninas, tem meninas ali que estão levando os próximos campeonatos como se fosse o melhor campeonato de todos é aquele ali que eu tenho que ganhar, é aquele ali que eu tenho que mostrar. Não enxergo tanta diferença, enxergo diferença individualmente.

C.M. – E na sociedade?

L.B. – Eu já mudei muito o meu pensamento em relação entre homens e mulheres na pratica e tem muita gente que faz a pratica sem pensar no competitivo, tem gente que faz por *hobby*, mas homens conseguem ser mais competitivos do que mulheres. A prática deles é mais levada a sério do que das mulheres, mulheres conseguem brincar mais com a situação e até numa pelada no fim de semana os homens conseguem ser mais competitivos naquilo do que as gurias.

C.M. – Você acha que tem um aspecto negativo dentro da sua experiência como praticante de futsal?

L.B. – Eu nunca tive uma desmotivação, nunca tive. Na verdade todos os momentos que eu cai, vamos dizer, eu sempre tive apoio para me fortalecer e voltar a lutar pelo meu objetivo, eu nunca deixei de gostar de jogar bola, só achei que nunca seria uma jogadora profissional, e naquele momento criei na cabeça não vou jogar para criar um objetivo de ter um nome a zelar, quando eu coloquei isso na cabeça a primeira pessoa que chegou e disse para mim que esse não precisa ser o teu objetivo, teu objetivo tem que ser tu sentir prazer em fazer uma coisa é aquilo ali e pronto. Então, eu nunca tive um aspecto negativo porque sempre quando eu estava para me desmotivar eu tinha reforço para me colocar de volta, e também nunca tive preconceito em jogar bola, sentir preconceito por jogar bola.

C.M. – O que de melhor o futsal trouxe para a sua vida?

L.B. – Meu jeito de ser, o modo que eu lido com as pessoas, e na verdade se todo mundo me olhar jogando vai me enxergar um pessoa bem diferente que o normal. Eu sou uma pessoa muito mais suave jogando do que se eu estivesse conversando contigo numa boa,

ou se eu estivesse contigo e mais pessoas conversando, jogando eu sou uma pessoa bem diferente, mais alto astral, mais despreocupada, mais leve.

C.M. – Como você pode descrever a sua experiência como mulher que joga futsal?

L.B. – Muito boa, tem meninas que já sofreram muito por jogar bola, na rua, com meninos, coisas assim. Eu nunca tive isso, claro que teve os pitacos de dizer que menina não joga bola, mas sempre tive apoio de colegas que jogavam comigo, colegas que estudavam comigo, meninas que não jogavam comigo, mas apoiavam. Nunca me deixei abalar por essas coisas, tem muitas meninas que jogam hoje, que para chegar nesse ponto de jogar com vinte, trinta anos tu não pode ter se abalado no início, se tu te abalou no início tu não jogaria hoje. Eu não sofri tanto com isso porque eu sempre tive apoio de outras pessoas para dizer assim: “Para essas pessoas tu não tem que dar ouvidos”. Eu como mulher sei que mulheres tem dificuldade no futebol, mas eu como mulher não tive muita dificuldade por ter pessoas que estava me apoiando naquela pratica.

C.M. – Alguém da família não gostava que você jogava futsal?

L.B. – A minha mãe não gosta até hoje, ela tem algo preso nela de que isso pode influenciar a cabeça de outros, de que isso não é coisa de mulher, de que alguém pode chegar para mim e me criticar e ela não gosta dessa insegurança, mas é só ela. O resto da minha família gosta, vai em jogo se pode, dá todo apoio, tira foto, filma, faz torcida organizada, a minha família gosta muito de ter um diferencial. Para eles é normal menina jogar bola e uma coisa que já fizeram foi ir assistir jogos da UFRGS, campeonato da UFRGS, simplesmente de ir para ter o prazer de ver mulheres jogando por que acham *top*.

C.M. – Mais alguma coisa que você queira me contar relacionado com a sua experiência de praticar futsal?

L.B. – Acho super válido fazer perguntas assim e eu estou sabendo das entrevistas, acho muito válido conhecer diversas experiências de meninas, umas mais velhas e outras mais novas e perceber que com o tempo essas coisas começaram a mudar muito, o pensamento das pessoas, as atitudes das pessoas em relação a meninas jogando. Se bem que nem todo

mundo vai dar aquele apoio ou vai mostrar que está dando aquele apoio, mas as meninas enxergarem que meu pai, minha mãe, meus amigos me apoiam, já está mais de 50% do caminho andado para aquela menina se manter na prática, seguir um sonho fazer uma coisa por hobby e nunca parar de encontrar seu foco e seu objetivo e ir até o fim. Ter sempre força além da dela para continuar.

C.M. – Luiza, muito obrigada por aceitar o convite, agradeço muito essa história que você contou para mim.

L.B. – Obrigada Claudinha.

[FIM DA ENTREVISTA]